

# A Bella que é uma fera?

## Uma leitura psicodinâmica do filme

### *Pobres criaturas*

Kátia Barbosa Macêdo,<sup>1</sup> Goiânia

Início meus comentários a respeito do filme *Pobres Criaturas*, dirigido por Yorgos Lanthimos (2023), inspirado no romance homônimo de Alasdair Gray (2008), fazendo alusão a três obras freudianas.

Ao final de *O futuro de uma ilusão* (1927), Freud conclui que a ciência seria um caminho mais saudável do que a perpetuação das ilusões da religião. Já em *O mal-estar na civilização* (1930), ele retoma a tese da renúncia pulsional, apresentada inicialmente em *Totem e Tabu* (1913), indicando que o sujeito abdica de certos impulsos em troca de inclusão e da pretensa proteção oferecida pela vida em sociedade. Nesse momento, Freud já não acreditava mais na ciência como via de salvação e antecipava uma possível falência do sistema civilizatório – o que lhe rendeu a fama de pessimista.

Em *Para além do princípio do prazer* (1920), Freud introduz uma nova concepção da teoria pulsional, propondo a coexistência das pulsões de vida e de morte. A partir de então, essa dualidade passou a ser considerada constitutiva do ser humano. O filme se baseia amplamente nesse pressuposto: não há o bem ou o mal absolutos, nem o certo ou o errado.

Começarei destacando a figura do criador, Dr. Godwin Baxter (God Win – aquele que vence Deus), responsável pela criação de Bella Baxter. O filme se inicia com referências a dois monstros: Drácula e Frankenstein. A primeira cena reproduz uma sequência de um clássico filme de Drácula, em que uma mulher se suicida, e segue com diversas alusões à obra *Frankenstein*, de Mary Shelley, escrita na transição para a modernidade.

1 Membro efetivo e professora da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Goiânia (SBPG). Doutora em Psicologia pela PUC-SP, pós-doutorado Unicamp/CNAM-França. Professora titular da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Quando Nietzsche afirma “Deus está morto” (2008), ele anuncia a fundação de uma nova era: a da razão e da ciência no lugar da religião, do individualismo em lugar dos referenciais coletivos, e da linearidade do tempo em vez da sua circularidade tradicional.

*Frankenstein* é, por excelência, um monstro. A própria noção de monstro comporta uma ambivalência: ele provoca repulsa e estranhamento, mas também encarna a ideia de redenção científica, ao representar o domínio humano sobre a finitude. O monstro simboliza o confronto do sujeito com seus próprios limites e o desamparo diante da morte. Ao mesmo tempo, é metáfora da modernidade e da exclusão social.

Umberto Eco, em *História da feiura* (2007), mostra que o grotesco é representado de diferentes formas conforme o tempo, o lugar e as angústias de cada contexto. A reação diante do monstruoso costuma ser a repulsa, o medo e o afastamento. O monstro é o estranho, o que está fora do lugar e foge ao “natural” aos olhos da razão.

Em *O estranho* (1919), Freud afirma que o que nos causa estranhamento é justamente aquilo que nos é mais familiar. O que não é reconhecido ou simbolizado – e que, ainda assim, desperta prazer ou inquietação – tende a ser projetado no mundo externo. Os monstros simbolizam aspectos do eu percebidos como ameaçadores, desorganizadores, excluídos. São metáforas da inferioridade, da transgressão e da resistência à forma ideal. Por isso causam medo e angústia.

Dr. Godwin Baxter, também ele um “monstro”, carrega em seu corpo as marcas dos experimentos realizados por seu pai. Em várias passagens, relata como foi transformado em “coisa”, objeto manipulado sadicamente em nome da ciência. Seu corpo castrado e retalhado evoca repulsa; seu psiquismo, marcado por traumas, repete o experimento do pai, mas com uma diferença fundamental: ele estabelece um vínculo afetivo com Bella.

Aqui se dá a distinção entre dois tipos de criatura. Em *Frankenstein*, o criador é incapaz de amar sua criação, o que culmina em parricídio. Já em *Pobres Criaturas*, há vínculo e afeto entre Dr. Godwin e Bella, cuja figura remete também à fábula da *Bela e a Fera*.



Cena do filme *Pobres Criaturas*

A narrativa do filme encena o desenvolvimento psicosssexual de Bella: fase oral, anal, fálica, latência e genital. O segundo paradoxo aparece na mudança de atitude do criador: diferentemente do pai, Godwin permite que Bella se desenvolva sem censura, sem introjeção das normas sociais. O resultado é um ser amoral. Isso talvez explique o desconforto que ela causa no público, já que não realizou a renúncia pulsional. Ao libertá-la, o criador concede a liberdade que ele mesmo nunca teve. Por amor, ele permite que Bella vá viver sua vida.

Na segunda parte do filme, Bella se envolve com o advogado Duncan, um perverso que, ao perder o controle sobre ela, tenta vingar sua ferida narcísica. Mesmo ao se prostituir, Bella demonstra capacidade de vínculo afetivo, com a dona do bordel e sua parceira. A cena em que doa todo seu dinheiro ao se deparar com a miséria infantil só é possível por conta do vínculo anterior com Godwin.

Ao saber que ele está à beira da morte, Bella o visita – por amor. Um dos momentos mais emocionantes do filme é quando Dr. Godwin

confessa que só com Bella sentiu o que é o amor. Com isso, ele rompe a repetição traumática do pai e alcança aquilo que todos buscamos: amar e ser amado.

Concluo minha análise evocando a frase de “De Freud a Lennon, *All we need is love*” (Macêdo e Ferreira, 2014).

## Referências

- Eco, U. (2007). *História da feiura*. Record.
- Freud, S. (1996). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 20). Imago. (Trabalho original publicado em 1926)
- Freud, S. (1996a). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1996b). O estranho. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17). Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (1996c). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Imago. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1996d). Totem e tabu. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Imago. (Trabalho original publicado em 1913)
- Gray, A. (2008). Poor Things. In N. Bentley (Ed.), *Contemporary British fiction* (pp. 44–52). Edinburgh University Press.
- Lanthimos, Y. (Diretor). (2023). *Poor Things* [Filme]. Element Pictures, TSG Entertainment.
- Macêdo, K. B. & Ferreira, L. M. (2014). De Freud a Lennon: All we need is love. *Revista Ecos: Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 4, 50–64.
- Nietzsche, F. (2008). *A gaia ciência*. Escala.

Kátia Barbosa Macêdo

katiabarbosamacedo@gmail.com